

# O “ENSINO REMOTO EMERGENCIAL”: A EXPERIÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO DA FACULDADE ITOP

## EMERGENCY REMOTE EDUCATION: THE EXPERIENCE OF PRIVATE HIGHER EDUCATION AT ITOP FACULTY

Muniz Araújo Pereira 1  
Damião Rocha 2  
Kyldes Batista Vicente 3

Mestre em Educação pelo PPPGE/UFT. Graduado em Administração pela UNITINS. Diretor da Faculdade ITOP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6116597967579806>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9194-4562>. E-mail: [munizap@hotmail.com](mailto:munizap@hotmail.com)

Pós-doutor pela Universidade Estadual do Pará (UEPA). Doutor em Educação pela UFBA. Mestre em Educação Brasileira pela UFG. Docente do Doutorado em Educação na Amazônia (PGEDA/UFPA/UFT) e PPGE/UFT. Líder do grupo de pesquisa Gepce/minorias. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9799856875780031>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5788-7517>. E-mail: [damiao@uft.edu.br](mailto:damiao@uft.edu.br)

Graduada em Letras (pela UFG). Mestre em Letras e Linguística (pela UFG). Pós-doutora em Letras (pela UFG). Atualmente é professora na Unitins e na Faculdade Itop. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1249709305972671>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8473-2828>. E-mail: [kyldes.bv@unitins.br](mailto:kyldes.bv@unitins.br)

**Resumo:** A pandemia do Covid-19 mudou a realidade das IES públicas e privadas. A suspensão do “Ensino Presencial” e a implementação o “Ensino Remoto Emergencial”, mediado por tecnologias digitais, impôs desafios às IES na busca de metodologias e didáticas que atenuassem os efeitos do afastamento físico na formação tanto dos alunos quanto ao trabalho dos professores. O texto resulta de parte da pesquisa de mestrado em educação (PPPGE/UFT), a partir da problemática no entorno dos processos de ensino-aprendizagem implementados no período da pandemia na Faculdade ITOP. Trata-se de uma Pesquisa Qualiquanti, com método Estudo de Caso, com amostragem de 22 professores e 105 alunos dos cursos de Enfermagem, Pedagogia, Administração, Ciências Contábeis, Engenharia Civil e Serviço Social do semestre letivo 2020/1. A acessibilidade e usabilidade das “Tecnologias Digitais” como facilitadoras do ensino nas “aulas remotas”; nos fez refletirmos sobre as chamadas “Metodologias Ativas” no sentido de tornar o aluno sujeito de seu aprendizado. Sinalizamos, portanto, sobre as dificuldades do processo de ensino/aprendizagem remota, da interação aluno/professor, e do uso de metodologias ativas nas aulas, assim como a acessibilidade/usabilidade às “Tecnologias Digitais” que tornaram (im)possível a realização das aulas no “Ensino Remoto Emergencial”.

**Palavras-chave:** Ensino Remoto Emergencial. Tecnologias Digitais. Metodologias Ativas.

**Abstract:** The Covid-19 pandemic has changed, the reality of public and private HEIs. The suspension of “On-Campus Learning” and the implementation of “Emergency Remote Learning”, mediated by digital technologies, imposed challenges to HEIs in the search for methodologies and didactics that mitigate the effects of physical distance in the training of both students and the work of teachers. The text results from part of the Master’s in Education research (PPPGE/UFT), from the problem surrounding the teaching-learning processes implemented during the pandemic period at the ITOP Faculty. This is a Qualiquanti Research, with the Case Study method, with a sample of 22 professors and 105 students from the Nursing, Pedagogy, Administration, Accounting, Civil Engineering and Social Work courses of the 2020/1 academic semester. The accessibility and usability of “Digital Technologies” as facilitators of teaching in “remote classes”; it made us reflect on the so-called “Active Methodologies” in order to make the student the subject of their learning. We point out, therefore, about the difficulties of the teaching/remote learning process, the student/teacher interaction, and the use of active methodologies in classes, as well as the accessibility/usability of “Digital Technologies” that made it (im)possible to carry out the classes in “Emergency Remote Education”.

**Keywords:** Emergency Remote Learning. Digital Technologies. Active Methodologies.

## Introdução

O texto aborda o impacto da Covid-19 no processo de ensino-aprendizagem das instituições de ensino superior (IES), tendo como estudo de caso a Faculdade ITOP, destacando-se a maneira como os estudantes apreenderam e como os professores foram impactados com as mudanças, no período de pandemia. Buscamos discutir o modelo de “aulas remotas”, o “Ensino Remoto Emergencial” mediado por “Tecnologias Digitais” no processo de ensino-aprendizagem a partir da experiência de uma IES privada no Tocantins.

O trabalho resulta da pesquisa que teve como metodologia a Pesquisa Qualiquanti, com método Estudo de Caso, com amostragem da coleta de dados feita por questionários online de caráter anônimo e voluntário, com 22 professores que ministraram aulas nos 2º período dos cursos de Enfermagem, Pedagogia, Administração, Ciências Contábeis, Engenharia Civil e Serviço Social do semestre letivo 2020/1 e 105 alunos dos 2º período dos cursos de Enfermagem, Pedagogia, Administração, Ciências Contábeis, Engenharia Civil e Serviço Social do semestre letivo 2020/1. Após a realização da análise dos dados coletados, tornou-se possível compreender a realidade vivenciada por esses professores e alunos com a realização das aulas no formato remoto. Nossas considerações finais sinalizam sobre as dificuldades surgidas no processo de ensino/aprendizagem remota, a interação aluno/professor, o uso de metodologias online nas aulas e a utilização de tecnologias digitais que tornaram possível a realização das aulas através desse formato, possibilitando termos a dimensão das dificuldades/facilidades do “Ensino Remoto Emergencial” na Faculdade ITOP.

## A pandemia da Covid-19 e a educação superior privada

A pandemia da Covid-19, síndrome respiratória causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2), foi sem dúvida, uma das piores crises de saúde deste século. Centenas de milhares de pessoas morreram em função do vírus. Sua transmissão ocorreu através do contato físico, por isso, os países fecharam fronteiras, o comércio, as escolas e universidades. Segundo a Unesco, quase 1,6 bilhão de crianças e jovens tiveram as aulas afetadas em todo mundo. Isso significa mais de 90% do público estudantil. No Brasil, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI) estimaram quedas de pelo menos 5% no PIB. Conseqüentemente, desde março de 2020, houve uma onda de demissões, reduções de jornadas de trabalho e salários. Foi possível sentir os efeitos de tudo isso em quase todos os setores. A educação foi afetada proporcionalmente quando do crescimento nas taxas de desemprego.

Com a renda do trabalhador ameaçada, a evasão e a inadimplência tendem a crescer no ensino superior privado. Um levantamento recente do Semesp mostrou que a inadimplência em abril de 2020 chegou a 26%, alta de 72% em comparação com o mesmo mês do ano passado, quando a taxa era de 15%. Ou seja, um a cada quatro alunos não estava em dia com as mensalidades. Já a evasão aumentou 32,5% no mesmo período. A matrícula de alunos novos também foi afetada: as IES privadas já se preparavam, naquele momento, para receberem menos alunos tanto no segundo semestre de 2020, quanto no primeiro semestre de 2021.

Ao sermos surpreendidos por uma pandemia, fomos obrigados ao isolamento físico e, ao mesmo tempo, a uma mudança de hábitos e comportamentos. Com a velocidade de propagação da Covid-19, os dirigentes das IES sejam das esferas federal, estadual e municipal, adotaram medidas de isolamento social e, segundo o IBGE, o Brasil terminou o primeiro trimestre do ano de 2020, com 12.850, milhões de pessoas na fila do desemprego.

A Portaria Mec nº 343, de 17 de março de 2020 (alterada pelas Portarias nº. 345/2020 e nº. 395/2020) e a Medida Provisória (nº. 934/2020, convertida na Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020), autorizaram a substituição de “aulas presenciais” por “aulas mediadas por tecnologias digitais”, e as IES passaram a utilizar ferramentas de reunião online como *Google Meet*, *Zoom*, *Microsoft Teams*.

Foi autorizada, também, por meio da publicação desses documentos oficiais, a flexibilização dos dias letivos, desde que mantida a carga horária mínima dos cursos (BRASIL, 2020). O conjunto de documentos citados possibilitou que as IES no período de quarentena suspendessem as atividades presenciais ou substituíssem por “aulas remotas mediadas por tecnologias

digitais”.

Da suspensão das aulas presenciais nas universidades públicas e privadas decorreu a necessidade de desenvolvimento de metodologias e didáticas alternativas de ensino, como as tentativas de adaptação e implementação de sistemas digitais. Essas tentativas, por sua vez, acabaram por expor diversas “novas” dificuldades de ensino/aprendizagem. Entre elas encontram-se: a) a falta de suporte psicológico a professores; b) a baixa qualidade no ensino (resultante da falta de planejamento de atividades em “meios digitais”); c) a sobrecarga de trabalho atribuído aos professores; d) o descontentamento dos estudantes; e e) o acesso/uso limitado (ou inexistente) dos estudantes às tecnologias digitais.

Segundo dados do Censo Escolar de 2019 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o Brasil tem 8,4 milhões de estudantes no Ensino Superior, 2.537 instituições e 384.474 docentes no Ensino Superior. Portanto, um número enorme de estudantes estão fora das salas de aula desde março de 2020.

De acordo com levantamento divulgado pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES, 2020), 78% das IES privadas estavam com “aulas mediadas por tecnologias digitais” e 22% delas optaram por suspender as aulas.

No que se refere ao “Ensino mediado por Tecnologias Digitais” (ofertado pelas IES antes da pandemia), já se tinha a experiência da modalidade de “Educação à Distância” (EaD). O limite máximo de carga horária para atividades nessa modalidade é de 40% sobre a composição total de atividades nos cursos, respeitadas as indicações nas diretrizes curriculares de cada curso (BRASIL, 2019). No entanto, considerando o contexto de pandemia da Covid-19, houve necessidade de mudanças com relação à prática de atividades não presenciais por meios digitais e o limite de carga horária.

Considerando tais necessidades, o CNE emitiu o Parecer n. 5/2020, que apresentou orientações para reorganização dos calendários escolares (da educação infantil à superior, incluindo modalidades como educação de jovens e adultos e educação especial) e realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período de pandemia, bem como a consideração de tais atividades na carga horária do ano letivo (BRASIL, 2020). Com relação ao ensino superior, considerando as normas que regulam a EaD, o Parecer dá ênfase à adoção de atividades por meios digitais e ao uso de ambientes virtuais de aprendizagem como forma de substituir as atividades presenciais, viabilizando continuidade do ensino durante a pandemia. Segundo o documento, essas atividades não presenciais podem ser consideradas para cumprimento de carga horária mínima anual, o que tornaria desnecessária a reposição dessas atividades após a pandemia.

Os arranjos metodológicos/didáticos de ensino têm sido um grande desafio para professores, alunos e à gestores educacionais, por poucas experiências com metodologias mediadas pelas tecnologias digitais e ainda pela confusão que fazem entre Ensino a Distância (EaD), Ensino Remoto ou Ensino Híbrido.

Nesse contexto, para os professores, surgiu à necessidade imediata de acessar/usar as tecnologias digitais na sala de aula virtual. Ressalta-se que a maioria dos professores brasileiros, não estavam preparados para trabalharem com o formato de “Ensino Remoto”, pois as políticas de formação inicial dos professores, pouco têm avançado quanto à usabilidade/acessibilidade às tecnologias digitais, e muito pouco, se tem adotado as chamadas “metodologias ativas”. Além do mais, os materiais didáticos precisam estar adequados e as estratégias de ensino para as atividades on-line deveriam levar em conta as condições de acesso tecnológico dos alunos e a qualidade da banda larga de internet.

O material pedagógico requer linguagem e formatos adequados para estimularem a auto-aprendizagem dos alunos. E ainda: as ferramentas de “Ensino Online” deveriam facilitar o trabalho do professor e promover a mediação com os alunos, no entanto, este também, possui muitas dificuldades que vão do acesso às ferramentas pagas de softwares proprietários à dificuldade de customização destas para fins de ensino, visto que muitas delas eram até então utilizadas no sistema corporativo.

Promover o ensino de qualidade, por meio de “tecnologias digitais” sem infraestrutura adequada de tecnologia e comunicação (TI) é o desafio nas circunstâncias atuais. Portanto, as

IES que tinham um determinado parque tecnológico funcionando, conseguiram minimamente implementar o “Ensino Remoto Emergencial”, outras não ofereceram essa opção, e outras somente com muitas dificuldades conseguiram continuar o ensino.

No momento da Pandemia e com o afastamento físico, surgiu a necessidade de implantação ou de melhoria nos “Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA)”: um recurso importante para suporte do “Ensino Remoto Emergencial”. Os AVA’s têm as características de integrar múltiplas mídias, diferentes linguagens e recursos e mídias sociais, viabilizar opções de tecnologias, bem como apresentar informações de maneira organizada para que se cumpra a sua principal finalidade: a construção da aprendizagem por meio da interação.

No momento da suspensão do “Ensino Presencial”, alunos e professores, foram impactados também com a redução de renda e a incerteza do cenário político-econômico do Brasil, em meio a crise do governo Bolsonaro. Isto causou a queda da qualidade do ensino; a desmotivação dos alunos pelos estudos, a desistência e trancamento dos cursos de graduação, a perda de alunos e matrículas.

Segundo o Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo (SEMESP), a inadimplência no ensino superior privado do Brasil cresceu 72% em abril de 2020, se comparado ao mesmo mês do ano passado, e a evasão teve um aumento de 32,5%. O Semesp projetou ainda que até 30% das instituições de ensino superior privadas fechariam as portas em 2020.

Diante deste contexto, as faculdades privadas tiveram que se reinventar, tentando amenizar tanto os prejuízos para a comunidade acadêmica quanto a queda de receitas, providas pelos alunos. A expertise dos gestores educacionais das IES privadas foi fundamental, no planejamento e definição dos investimentos institucionais, para minimizar os causados pela Pandemia ao ensino superior privado.

O momento de crise no setor educacional privado também nos desafiou à inovação e investimentos em tecnologias de informação e comunicação (TI), muito mais agora, do que anterior a esse período pandêmico.

Foi a partir desse cenário que durante nossa pesquisa de mestrado em educação nos voltamos para o estudo de caso da Faculdade ITOP e seu “Ensino Remoto Emergencial”, nos questionando assim, como essa instituição de ensino superior privada trabalhou seus processos de ensino-aprendizagem online no período de Pandemia.

## **O impacto da pandemia da Covid-19 na Faculdade ITOP**

A Faculdade ITOP, localizada na cidade de Palmas, capital do Tocantins, foi o campo escolhido para nosso estudo, em buscas de respostas para esta situação que afetou a todas as IES públicas e privadas brasileiras.

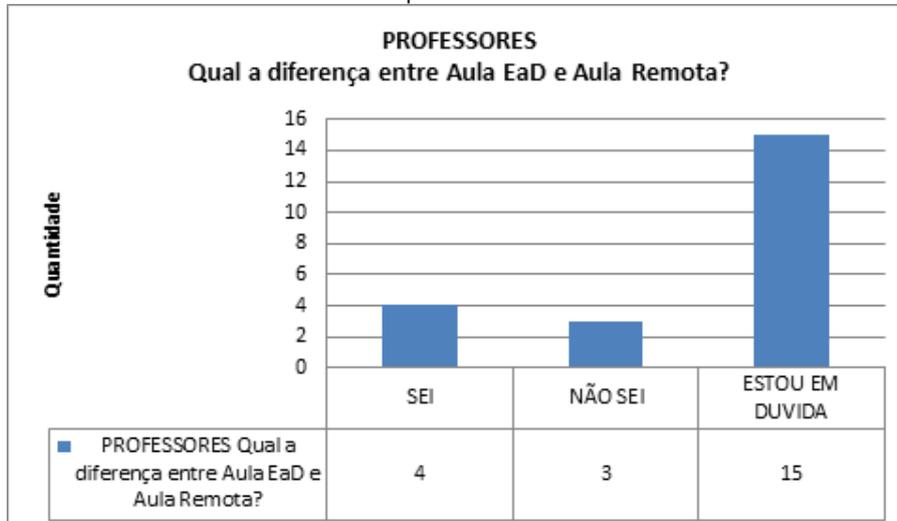
Segundo a definição de Vieira (2012, p.129) “população ou universo é o conjunto de unidades sobre o qual desejamos obter informação, e amostra é todo subconjunto de unidades retiradas da população”. Este estudo foi realizado com alunos e professores do 2º período dos cursos de Enfermagem, Pedagogia, Administração, Ciências Contábeis, Engenharia Civil e Serviço Social do semestre letivo 2020/1, em um universo de 349 acadêmicos e 52 professores desta faculdade.

Quando a população estudada é relativamente pequena, pode-se realizar um estudo envolvendo todas as unidades da população, é o que chamamos de censo. Entretanto, na maioria das vezes, não é possível fazer um censo. Em um estudo, no qual a população seja consideravelmente grande não podemos analisar todos os elementos da mesma, sendo necessário selecionar uma amostra que seja representativa da população de interesse, ou seja, que possibilite a realização de inferências estatísticas, permitindo-nos a generalização de maneira mais segura possível das conclusões obtidas por meio da amostra para a população (FARIAS; SOARES; CÉSAR, 2003).

A amostra é a parte do grupo a ser examinada e o grupo todo é chamado de população ou universo (STEVENSON, 1981), neste caso, a amostra será composta por 105 alunos e 22 professores, selecionadas dentro dos alunos 2º período dos cursos de Enfermagem, Pedagogia, Administração, Ciências Contábeis, Engenharia Civil e Serviço Social do semestre letivo 2020/1

e 02 diretoras da Faculdade (Diretora Acadêmica e Diretora Administrativo Financeira) como demonstra o gráfico 1 a seguir.

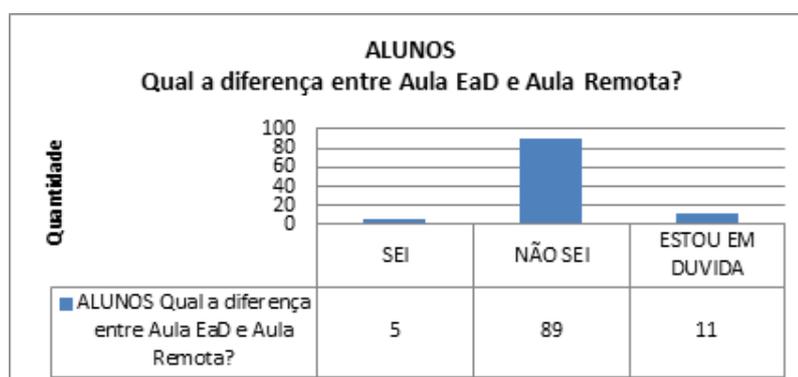
**Gráfico 1.** Aula Ead e aula remota: professores.



**Fonte:** Autores.

Foi importante entender que tanto professores quanto alunos não sabiam claramente a diferença entre a modalidade de “Educação à Distância EaD” e “Aulas Remotas”, conforme o Plano Emergencial de Ensino pois, embora as duas utilizem “tecnologias digitais”, a didática/metodologia adotada no “Ensino Remoto Emergencial” possui características peculiares. A falta de entendimento entre “modalidade de ensino” e “metodologia de ensino online” fez com que professores (Gráfico 1), planejassem suas aulas utilizando o formato de outro, causando confusão também no entendimento por parte dos alunos. Vejamos no gráfico 2 a seguir, quando se perguntou aos alunos sobre essa diferença.

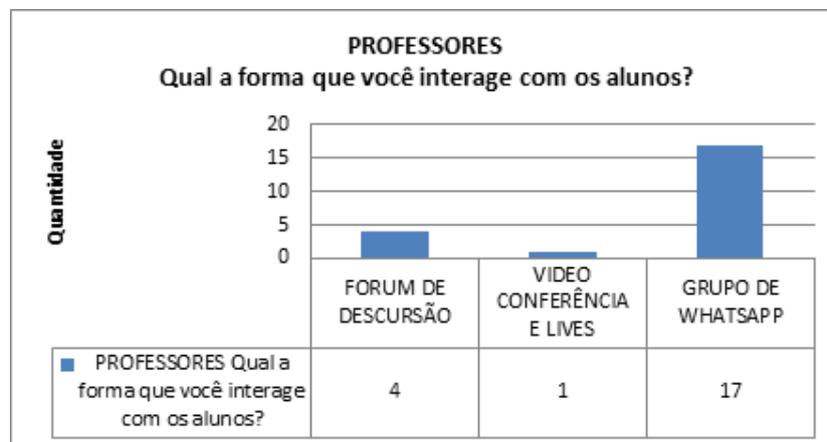
**Gráfico 2.** Aula ead e aula remota: professores.



**Fonte:** Autores.

Com a implementação do “Ensino Remoto Emergencial”, os professores passaram à utilização de ferramentas online de interação, inicialmente links de videoaulas disponibilizadas na web, o que nos oportunizou a observação do “o como” eles utilizavam as ferramentas online. Vejamos no gráfico 3, as respostas dos professores.

**Gráfico 3.** Forma de interação: professores.



**Fonte:** Autores.

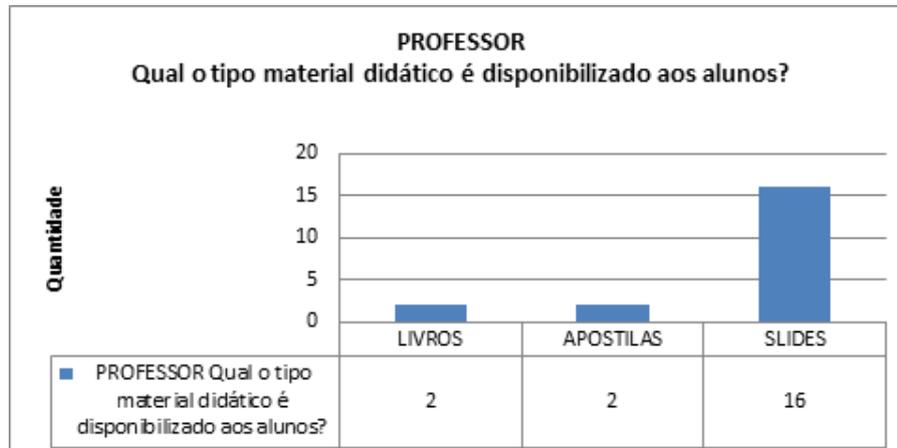
Em relação à interação/interatividade os professores ainda mativeram as formas usadas nas “aulas presenciais”, mantendo na sua maioria, os *feedbeaks* com os alunos pelos grupos de *whatsapp* como forma de complementação do ensino. Todavia no “*ensino remoto*” a interação não é complementar, ela é fundamental do processo de ensino aprendizagem.

Para os alunos, a utilização do *whatsapp* não foi suficiente, devido às diversas conversas na barra de rolagem e a demora pra acompanhar as respostas do professor, todavia a melhor forma de sanar as dúvidas e debater assuntos ligados aos conteúdos das aulas foi à videoconferência. Nesse sentido e preciso considerar que:

A questão não é introduzir na escola as várias mídias, as linguagens e os textos que emergem do digital. É preciso, acima de tudo, criar condições para formas de leitura plurais e para concepções de ensino e aprendizagem que considerem o aprendiz como protagonista, a fim de diminuir a distância entre as leituras e as práticas que se desenvolvem fora da escola e aquelas que são privilegiadas por ela (BARRETO, 2011, p. 67).

Vejamos que mesmo tratando do “*Ensino Remoto Emergencial*” as estratégias/recursos de ensino utilizadas pelos professores ainda foram os convencionais utilizados no “Ensino Presencial”, conforme poderemos observar no gráfico 4, e conseqüentemente, ao fazermos a mesma pergunta aos alunos os materiais que mais foram utilizados foram estes indicados pelos professores.

**Gráfico 4.** Material didático disponibilizado: professores.



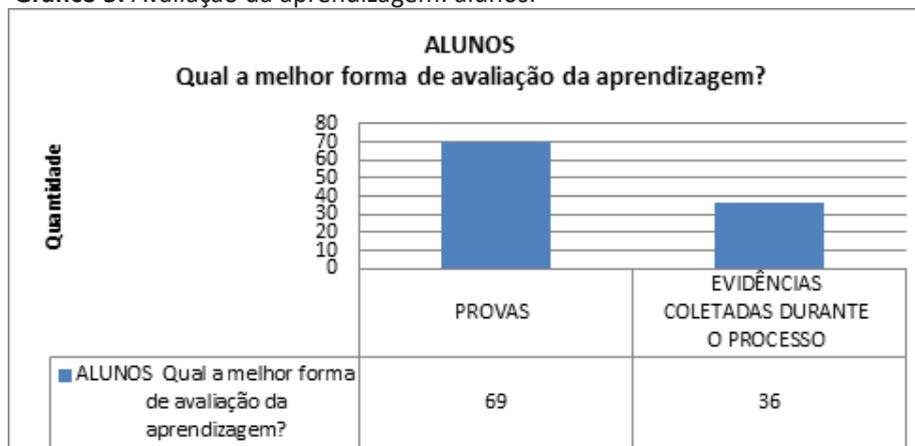
**Fonte:** Autores.

Ao tratarmos de material didático fornecido pela maioria dos professores observamos que são os *slides* de suas aulas, uma grande quantidade de transparências, com tópicos pontuais, exigindo do aluno busca por mais materiais explicativos para complementar o entendimento. Em contrapartida os alunos preferiram apostilas explicativas do próprio professor ou livros, do que *slides* com textos mais pontuais e simplificados, devido à dificuldade de estudarem sozinhos em momentos posteriores às aulas remotas.

Neste aspecto é preciso considerar as contribuições das “Tecnologias Digitais”, uma vez que elas proporcionam maior interação/interatividade, além da possibilidade de discussão coletiva síncrona e assíncrona, produção colaborativa, criação de novas redes de aprendizados; pois, as tecnologias digitais ampliam as possibilidades de pesquisa online, de materiais importantes e atualizados para o ensino, comunicação direta com outros professores, alunos, possibilitando a coautoria, “remixadores” de conteúdos e a difusão de projetos e atividades, individuais, grupais e institucionais muito além das fronteiras físicas do prédio (MORAN, 2015, p.19).

Um das questões que nos chamou a atenção foram às avaliações, que ao perguntarmos aos alunos durante o “Ensino Remoto Emergencial” sobre que tipos de avaliação preferiam, eles responderam “as provas bimestrais”, conforme vemos no gráfico 5.

**Gráfico 5.** Avaliação da aprendizagem: alunos.



**Fonte:** Autores.

Na avaliação da aprendizagem, um grande número de professores não havia mudado seus métodos tradicionais de avaliação somativa (que focam em resultados e apresentam um

retrato da aprendizagem), o que dificultou o engajamento do aluno em todo o processo, enquanto na avaliação formativa (que é feita a partir das evidências coletadas durante o processo educativo que possibilitam uma análise da evolução da aprendizagem) propõe-se uma maior responsabilidade ao aluno, pois o mesmo tem que participar em todos os momentos.

Os alunos, por sua vez, na sua maioria, preferiram a prova, acreditando que não os obrigava a participar atenciosamente de todas as atividades, uma vez que para eles o principal é a nota de aprovação na prova, sendo que a modalidade remota é um método que exige muito mais que uma simples avaliação pontual. Assim,

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa (MORAN 2015, p. 17).

A adoção do “Ensino Remoto Emergencial” durante a pandemia causada pela COVID-19 revelou que as IES privadas sofreram uma mudança de paradigma no processo de ensino aprendizagem. Estas, ao contrario do que parece, estavam preparadas para a modalidade de EaD, não para o “Ensino Remoto Emergencial”. A migração urgente para atender o distanciamento social, fez com que as IES passassem por um processo rápido de adaptação, para que não fechassem as portas.

Enquanto as IES públicas suspenderam suas aulas presenciais, em virtude da fragilidade dos seus processos tecnológicos, as IES privadas continuaram, em função de precisarem cobrir os seus custos, a se reinventarem institucionalmente.

Mudar de estratégia do “Ensino Presencial” para o “Ensino Remoto” passou a exigir aulas síncronas e assíncronas, forçou a comunidade acadêmica a sair da sua zona de conforto, e dominar os medos e ansiedades diante da tecnologia digital. Professores passaram de simples mestres para “artistas” na frente das telas, alunos que não tinha hábito de estudar através de computadores ou smartphones mudaram suas rotinas, e as IES fizeram uma verdadeira corrida por melhorias nos “Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA”, inserindo quase que obrigatoriamente a videoconferências e outras ferramentas de interação, adaptação de ambientes físicos, com criação de estúdios de áudio e vídeo, entre outras ferramentas, enfim nunca se ficou tão dependente de uma conexão de internet e de recursos tecnológicos digitais.

De um modo geral, as “aulas remotas” foram implantadas em meio a muitas dificuldades e aos poucos foram dando certo, uma vez que diante desse cenário era a única alternativa viável de manter-se conectados com os alunos.

## **Considerações Finais**

Os desafios de usabilidade e acessibilidade foram muitos, e nossa pesquisa sinaliza que os alunos e professores tiveram dificuldades no processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias digitais.

O nosso trabalho na instituição que somos diretores, tornou-se um “laboratório de pesquisa” diante das dificuldades de suspensão das aulas presenciais; entretanto, mesmo com dificuldades, o “Ensino Remoto Emergencial” se mostrou a estratégia de ensino mais viável de minimizar os impactos do afastamento físico de professores e alunos da sala de aula.

Foi uma tarefa difícil, gerenciar a “educação mediada por tecnologias digitais”, mas a partir das dificuldades de professores e alunos da nossa amostragem realizada na Faculdade ITOP, passamos a repensar o aprendizado do aluno e os processos pedagógicos, mesmo que saibamos que as desigualdades sociais, econômicas, culturais e educacionais da nossa comunidade, são questões que merecem ser destacadas, para que se possa pensar em ações, programas e projetos institucionais enquanto Faculdade ITOP, para fazer o enfrentamento necessário para mitigar essa questão importante.

No entanto, após essa experiência e essa pesquisa, acreditamos que o sistema educacional privado estará mais interfaceado com as “Tecnologias Digitais” e o seu desdobramento como “educação mediada por tecnologias digitais”. Todavia, aprendemos que outras pesquisas deverão aprofundar a questão da “Hibridização” da “Presencialidade”, “Presença-Ausência” e “Co-presença” (Rocha, 2016), o “Educar na Cibercultura” de Pierre Levy (2000), a “Educação em Rede” de Margarita Victoria Gomez (2004), o “Ensino Hipertextual” de Andrea Ramal (2002), a “Sala de Aula Interativa” e “Educação Online” de Marco Silva e Edméa Santos (2002, 2003), a “Aprendizagem Ubíqua”, “Aprendizagem Hipermediática” de Lúcia Santaella (2013), o “Ensino Híbrido” de Adolfo Tanzi Neto e Fernando de Mello Trevisani (2015), que não conseguimos tratar aqui por ser questões da interface educação e comunicação mais complexas, que poderão ser objetos de investigação de outros trabalhos, outros textos, novas pesquisas.

## Referências

ANDRÉ, Marli. Pesquisa, formação e prática docente. In: ANDRÉ, Marli. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas, SP: 2001. p. 55-69.

ABMES - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MANTENEDORAS DE ENSINO SUPERIOR. COVID-19 vs. Educação Superior: O que pensam os alunos e como sua IES deve se preparar? **Relatório de pesquisa - onda 2. Educalnsights**, 2020. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/pesquisas/pesquisaabmeseduca05052020.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2020.

ALVES, Lynn. **Educação Remota: Entre a ilusão e a realidade**. Interfaces Científicas, v. 8, n.3, p.348-365. Aracaju, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251>. Acesso em: 6 set. 2020.

ARRUDA, Eucídio P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede**, v.7, n.1, p.257-275. 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 6 set. 2020.

BERGMANN, Jonathan; SAMS Aaron. **Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem**. Tradução Afonso Celso da Cunha Serra. - 1. ed. - Rio de Janeiro: LTC, 2018.

BARRETO, R.G. (Org.). **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria n. 188, de 03 de fevereiro de 2020. Declara Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo Novo Coronavírus (2019-nCoV). **Diário Oficial da União**, ed. 24-A, seção 1, Brasília, DF, p. 1, 04 fev. 2020a. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>. Acesso em: 08 mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria n. 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição de aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. **Diário Oficial da União**, ed. 53, seção 1, Brasília, DF, p. 39, 18 mar. 2020c. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 06 mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Coronavírus: monitoramento das instituições de ensino. Portal do Ministério da Educação**. Brasília, DF, 2020f. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/coronavirus/>. Acesso em: 02 mai. 2020.

CAMARGO, F; DAROS, T. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018.

CARMO, Renata de Oliveira Souza; FRANCO, Aléxia Pádua. Da docência presencial à docência online: aprendizagens de professores universitários da educação à distância. **Educação em Revista**, v. 35, p. 1-29, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698210399>.

CARVALHO, Fernanda; MULLER, Marisa; RAMOS, Mauro. Ensino à distância: uma proposta de ampliação do estudo em bioética. **Jornal Brasileiro de doenças sexualmente transmissíveis**. Volume 17, nº 3. 2005. 211-214 p.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO (CNTE). **Trabalho Docente em Tempos de Pandemia**. Disponível em: [http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/07/cnte\\_relatorio\\_da\\_pesquisa\\_covid\\_gestrado\\_v02.pdf](http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/07/cnte_relatorio_da_pesquisa_covid_gestrado_v02.pdf). Acesso em: 18. ago. 2020.

FEY, Ademar Felipe. Dificuldades na transposição do ensino presencial para o ensino on-line. IX ANPED Sul. **Seminário de pesquisa em educação da Região Sul**. 2012.

GARCIA, Tania C. M et al. **Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de aulas**. Natal, SEDIS/UFRN, p. 01 – 18, 2020.

HODGES, Charles et al. As diferenças entre aprendizado online o ensino remoto de emergência. **Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia**, v.2, p.1-12. 2020. Disponível em: <https://escribo.com/revista/index.php/escola/article/view/17>. Acesso em: 6 set. 2020.

KRATOCHWILL, Susan; SAMPAIO, Deise Rodrigues. As possibilidades dialógicas do fórum de discussão no ambiente virtual de aprendizagem. **Ideação**, Foz do Iguaçu, v. 8, n. 8, p.157-168, jan. 2006. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/846/715>. Acesso em: 15 jun. 2014.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas: Papyrus, 2011.

LEÃO, Lucia. O labirinto da Hipermissão. **Arquitetura e navegação no ciberespaço**. 3a Ed. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LEMOS, André. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. In: **Intercom**. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2005.

MACHADO JUNIOR, Felipe Stanque. **Interatividade e interface em um ambiente virtual de aprendizagem**. Editora IMED, Passo Fundo, 2008.

MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. (Orgs.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2012.

MORAN, J.M; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M.A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 19.ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012.

MORAN, José Manuel. **Novos modelos de sala de aula**. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/modelos\\_aula.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/modelos_aula.pdf). Acesso em: 28 jan. 2021.

MORAN, José Manuel. BACICH, Lilian. **Aprender e ensinar com foco na educação híbrida**. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2015/07/hibrida.pdf>. Aces-

so em: 28 jan. 2021.

MIRANDA, José Fernando B.; ROCHA, José Damião T. Cibercultura e mobilidade: a utilização de smartphones em sala de aula. **Revista Humanidades & Inovação**, v. 7, p. 104-120, 2020. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1933>.

ROCHA, José Damião Trindade. **A presença ausente das tecnologias digitais no curso de pedagogia da UFT: interconexão e hibridações da educação e comunicação como interzona contemporânea**. Salvador – BA, 2009.

ROCHA, José Damião Trindade; NOGUEIRA, Clerislene da Rocha Moraes. Formação docente: uso das tecnologias como ferramentas de interatividade no processo de ensino. **Revista Observatório**, v. 5, p. 578-596, 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4669>. Acesso em 28 jan. 2021.

SIMÃO, José Francisco Rocha; ROCHA, José Damião T. Tecnologias digitais no trabalho pedagógico do professor da educação básica: uma leitura. **Revista Humanidades & Inovação**, v. 8, p. 209-219, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4742>. Acesso em: 28 jan. 2021.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 4ª ed. 1ª reimpr. 2007. 220 p.

VALENTE, José Armando. Educação a distância no ensino superior: soluções e flexibilizações. **Interface – comunicação, saúde, educação**. Volume 7, n° 12. 2003.

VERCELLI, L.C.A. Aulas remotas em tempos de COVID- 19: a percepção de discentes de um programa de mestrado profissional em educação. **Revista @ambienteeducação**. São Paulo, v.13, n.2, p.47-60, maio/ago. 2020. Disponível em: <http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/932>. Acesso em: 20 out. 2020.

Recebido em 26 de novembro de 2021.

Aceito em 26 de julho de 2021.